

# A PERCEÇÃO DA MULHER ACERCA DO ACOMPANHANTE NO PROCESSO DE PARTURIÇÃO<sup>1</sup>

**Andreia Berlesi Thiesen Neumann<sup>2</sup>**  
**Cledir Tânia França Garcia<sup>3</sup>**

## RESUMO

O estudo busca conhecer a percepção de mulheres acerca do acompanhante no trabalho de parto. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, de caráter descritivo, desenvolvido na Unidade Obstétrica de um hospital filantrópico no Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul. Os sujeitos do estudo constituíram-se em 18 mulheres, com idade superior a 18 anos, que estiveram em trabalho de parto na instituição, e foram assistidas por um acompanhante, tanto de nível familiar como afetivo. Os dados foram obtidos por meio de entrevista semi-estruturada, emergindo uma categoria analítica: "A percepção da mulher acerca do acompanhante no trabalho de parto" e três subcategorias: Sentimentos da mulher em relação à presença do acompanhante no trabalho de parto; A caracterização do perfil do acompanhante no trabalho de parto na ótica da mulher; As repercussões da presença do acompanhante no processo de parturição. O estudo permitiu constatar a fundamental importância do acompanhante durante o trabalho de parto, proporcionando a parturiente confiança e segurança num momento tão esperado da vida de uma mulher.

**Palavras-chaves:** Parto humanizado; Trabalho de Parto; Acompanhante; Parturição.

## THE WOMAN'S FEELINGS IN RELATION TO THE COMPANION'S PRESENCE IN THE PARTURIÇÃO PROCESS

### ABSTRACT

The study search to know the women's perception concerning the companion in the childbirth work. It is a qualitative research, of descriptive character, developed in the Obstetric Unit of a philanthropic hospital in the Northwest of the State of Rio Grande do Sul. The subject of the study were constituted in 18 women, with superior age to 18 years, that were in childbirth work in the institution, and they were attended by a companion, as much of family level as affective. The data were obtained through semi-structured interview, emerging an analytic category: The woman's perception concerning the companion in the childbirth " work and three sub-categories: The woman's feelings in relation to the companion's presence in the childbirth work; The characterization of the companion's profile in the childbirth work in the woman's optics; The repercussions of the companion's presence in the parturición process. The study allowed to verify the companion's fundamental importance during the childbirth work, providing the parturiente trust and safety in a such expected moment of a woman's life.

**Keywords:** Humanized Childbirth; I Work of Childbirth; Companion; Parturición.

<sup>1</sup> Trabalho de Conclusão do Curso de Graduação em Enfermagem da Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (UNIJUI).

<sup>2</sup> Enfermeira Assistencial, Associação Hospital de Caridade Ijuí/RS. Email: andreia.thiesen@hotmail.com

<sup>3</sup> Enfermeira do Serviço de Educação Continuada, Associação Hospital de Caridade Ijuí/RS, Mestranda em Docência Universitária pela Universidade Tecnológica Nacional/UTN/Argentina, Docente do curso Técnico em Enfermagem do Centro de Educação Básica Francisco de Assis/FIDENE, Ijuí/RS. Email:cledir.franca@unijui.edu.br

## INTRODUÇÃO

A gravidez é um evento social que envolve várias pessoas, é um momento especial que constitui uma família. É uma experiência humana das mais belas e se for acompanhada se torna a realização de um sonho. Silva e Christoffel (2007, p. 02) enfatizam que “se o processo de gestar e parir fosse um filme, os atores principais seriam a mulher e o feto/recém nascido, pois o foco deve ser direcionado ao cliente receptor do cuidado”.

Antigamente, o trabalho de parto era realizado no domicílio, no qual outra mulher o acompanhava, sendo esta uma parteira ou uma “aparadeira” de confiança da gestante. Com o passar dos anos ocorreu a institucionalização do parto, passando do domicílio para o hospital, e conseqüentemente a sua medicalização (BRÜGGEMANN; PARNELLI; OSIS, 2005).

As práticas hospitalares atuais são baseadas em rotinas e normas hospitalares, impossibilitando a mulher de ser apoiada e acompanhada pelo seu marido/pai ou familiar. Corroborando Nakano et al. (2007, p.132) ressaltam que “a institucionalização do parto foi determinada para afastar a família do processo de nascimento e parto, atendendo as necessidades dos profissionais de saúde em detrimento das necessidades das parturientes”.

Neste método, as vivências das mulheres no trabalho de parto, passaram a ser um momento de sofrimento físico e mental. Moura et al. (2007, p.453) afirmam que “o medo, a tensão e a dor das parturientes nesse modelo de assistência impedem o processo fisiológico do parto normal, o que pode culminar com práticas intervencionistas que, na maioria das vezes, poderiam ser evitadas”.

Na tentativa de humanizar o parto, o Ministério da Saúde instituiu o Programa Nacional de Humanização da Assistência Hospitalar (BRASIL, 2001 apud GARCIA, 2009, p.10), ressaltando que “humanizar é garantir à palavra a sua dignidade ética. Ou seja, para que o sofrimento humano e as percepções de dor ou de prazer sejam humanizados, é preciso que as palavras que o sujeito expressa sejam reconhecidas pelo outro”.

O processo de parturição e parto significa muito para a vida da mulher e da sua família, se tornando um momento único e diferenciado, pois não é apenas um aspecto fisiológico, envolvem sentimentos de receios e angústias, valores culturais e sociais, sendo necessário o apoio e compreensão tanto da equipe que assiste quanto do familiar. É nesse momento que a mulher se torna mãe.

A mulher, no trabalho de parto, sente-se muitas vezes desamparada, pelo fato de estar em uma situação na qual ainda não estava preparada para enfrentar. Em vista disso, o amparo do acompanhante nesse processo é mais que importante, é fundamental, no entanto, muitas vezes é o médico que chama o acompanhante durante este evento, pois as mesmas não têm o conhecimento do direito legal através da Lei Nº 11.108/2005 (BRASIL, 2005) que as autorizam a ter a presença de um acompanhante durante o trabalho de parto, parto e pós-parto imediato.

Para Brüggemann, Parnelli e Osis (2005, p.1317) “ter alguém que acompanhe no trabalho de parto difere de acordo com o contexto social, a política de saúde do país e sua legislação, mas principalmente de acordo com a filosofia da maternidade”. Desta forma, algumas instituições permitem a estimulação à participação de uma pessoa, já em outras há restrição ou não é permitida, no âmbito do SUS.

Considerando o exposto, busca-se com o presente estudo “conhecer a percepção da mulher acerca do acompanhante no processo de parturição”.

## METODOLOGIA

O estudo é de natureza qualitativa, com caráter descritivo, desenvolvido em uma Unidade Obstétrica de um hospital filantrópico do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul de Porte IV.

A coleta de dados foi por meio de entrevistas semi-estruturada, no mês de setembro de 2010, nos períodos matutino e vespertino. O instrumento utilizado na coleta de dados foi um roteiro semi-estruturado, elaborado a partir dos objetivos do estudo, con-

tendo duas partes: a primeira composta por perguntas objetivas para identificação e a segunda por perguntas abertas.

As perguntas norteadoras do estudo foram “Conte-me como foi ter a presença de um acompanhante no trabalho de parto? E pontue os aspectos positivos e negativos da presença do acompanhante?”, “Você desejou ter a presença de um acompanhante durante o trabalho de parto? Foi escolha sua? Se não, quem fez a escolha ou a indicação?”.

Os sujeitos do estudo foram dezoito (18) mulheres puérperas internadas na Unidade Obstétrica no período da coleta de dados, as quais foram assistidas por um acompanhante no processo de parturição. Visando preservar a identidade dos sujeitos que integraram a pesquisa, os mesmos foram caracterizados com os codinomes do E1 ao E18.

Para interpretação e análise dos dados foram preconizados os passos metodológicos propostos por Gomes (2002), com ordenação, classificação e análise final, emergindo uma categoria analítica central.

Foram respeitados os preceitos éticos estabelecidos pela Resolução 196/96, do Conselho Nacional de Saúde (BRASIL, 1996), sendo o projeto aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul, sob Parecer Consubstanciado Nº 178/2010, na data de 09/07/2010. As participantes foram esclarecidas sobre os objetivos e o desenvolvimento da pesquisa, assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido em duas vias e suas falas foram identificadas pela ordem de realização das entrevistas.

## ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

A partir da transcrição na íntegra dos depoimentos obtidos das dezoito (18) mulheres sujeitos do estudo e da análise exaustiva dos conteúdos, emergiu uma categoria analítica e três subcategorias, descritas a seguir, as quais versam sobre a percepção da mulher no trabalho de parto acerca da presença do acompanhante.

### *Categoria analítica: A percepção da mulher acerca do acompanhante no processo de parturição.*

Para Espírito Santo e Berni (2001, p.194): “o parto é um momento do ciclo gravídico-puerperal em que ocorrem as mais intensas mudanças orgânicas, corporais e as emoções mais fortes (...) em um curto período de tempo”.

O Ministério da Saúde (1991 apud ESPÍRITO SANTO e BERNI, 2001, p.195) recomenda que “seja prestada contínua orientação e apoio à parturiente sob o curso dos acontecimentos de trabalho de parto, envolvendo, se possível, a participação de um familiar”.

Saito; Riesco e Oliveira (2006, p.179) corroboram afirmando que “o ambiente deve estar preparado para garantir a privacidade e à presença de um acompanhante de sua escolha, além de segurança física e emocional, informando e suprimindo suas dúvidas”.

### *Subcategoria I: Sentimentos da mulher em relação à presença do acompanhante no trabalho de parto*

O trabalho de parto é muito mais do que um processo fisiológico que possibilita ao feto chegar ao mundo, é a culminação dramática do período gestacional, sendo um evento existencial significativo, que representa um momento único nas vidas da mãe, do pai, do recém-nascido, bem como dos demais familiares (BRANDEN, 2000).

Em relação à presença do acompanhante no trabalho de parto, a partir dos relatos das entrevistadas identificaram-se como núcleos, os sentimentos de: segurança, tranquilidade, apoio, estar ao lado, coragem. O que podemos evidenciar nas falas a seguir:

“Ajudou bastante, deu força para conseguir ganhar, eu tive mais coragem”. (E2)

“A segurança e a tranquilidade de ter alguém que te conhece, que te ama, alguém da tua família ou alguém que goste de você”. (E3)

“(...) não me senti sozinha, não tive medo. Fiquei mais tranquila (...) senti-me mais solta com apoio (...) sem ela talvez não conseguisse ganhar parto normal”. (E5)

“Foi muito bom, você sabe que tem alguém perto, passa mais segurança, você não fica com medo, de não ter ninguém junto com você. É muito bom”. (E13)

Para Brüggemann, Osis e Parpinelli (2007) a inserção do acompanhante, que é escolhido pela parturiente, para lhe dar apoio no processo de parturição, é uma intervenção que mobiliza a opinião dos profissionais de saúde e das pessoas escolhidas para desempenharem esse papel.

Moura et al. (2007) enfatizam que durante o percurso do trabalho de parto, o acompanhante passa segurança, o que pode intervir na diminuição das complicações do parto e puerpério imediato, a não utilização de analgesia, parto cesárea e a redução do tempo de internação.

O fato de estar ao lado segurando a mão da parturiente é uma maneira de encontrar forças para ter um trabalho de parto mais tranquilo, com menos ansiedade, tornando o nascimento o mais natural possível.

### *Subcategoria II: A caracterização do perfil do acompanhante no trabalho de parto na ótica da mulher*

No Brasil existe a Lei Nº 11.108, de 07 de abril de 2005 (BRASIL, 2005) que garante as parturientes o direito à presença de acompanhante durante o trabalho de parto, parto e pós-parto imediato, no âmbito do Sistema Único de Saúde – SUS.

Ao serem indagadas em relação ao conhecimento da Lei Nº 11.108 de 07 de abril de 2005, 56% (10) das entrevistadas tinham conhecimento da Lei e 44% (8) não tinham conhecimento desta lei. Isso evidencia o desconhecimento do direito legal, pois estas que não tinham conhecimento da lei tiveram a presença de um acompanhante por ser rotina na instituição pesquisada.

“Essa lei é muito boa, eu não sabia desta lei. Achava que eram normas dos hospitais, gostei muito”. E8

Conforme Tomeleri et al. (2007) nem todas as instituições aderiram a Lei Nº 11.108/2005, a maioria continua desrespeitando esta lei e suas diretri-

zes governamentais. Isso devido à falta de informações por parte dos usuários dos serviços públicos sobre seus direitos, e também a resistência à implantação desse direito, encontrada em algumas instituições ou em alguns profissionais que nelas trabalham.

Contudo, na instituição na qual foi realizada a pesquisa, fica evidente pelo relato das entrevistadas a seguir, que a mesma aderiu à Lei Nº 11.108/2005.

“Quando eu vim internar eles me perguntaram se eu queria um acompanhante e eu disse que sim (...) a minha mãe me acompanhou”. E15

“(...) quando estava na sala de preparo, perguntaram para ele se ele queria acompanhar, e ele se prontificou (...)”. E9

Com relação ao sexo dos acompanhantes das mulheres no trabalho de parto, a maioria era do sexo masculino 56% (10) e do sexo feminino 44% (8). Considerando o vínculo entre as entrevistadas e os acompanhantes, observamos que eram os companheiros 56% (10), mães das puerpéras 27% (5) e o restante pessoas próximas como tia, vizinha e cunhada com 17% (3).

Espírito Santo e Berni (2001) afirmam que a participação do pai no processo de parturição é um fator muito importante de ajuda tanto para a mulher, nesse período, quanto para o homem na formação de uma maior consciência a respeito da paternidade.

A presença de uma pessoa de sua família, principalmente, o seu companheiro aparece vinculada às questões de emoções, relacionando diretamente a diminuição do nível de estresse materno após a internação no ambiente hospitalar, como podemos observar a seguir:

“(...) ter alguém da tua família contigo, principalmente o teu marido, é bem importante, (...) se não fosse o marido, uma amiga, a mãe, (...) a gente se sente bem ao ter alguém junto, sabe que você não está sozinha”. E4

“Só de saber que tem alguém da família junto, já é uma segurança”. E16

“A gente precisa de força para ajudar, e se eu tivesse sozinha teria sido muito pior”. E17

“Toda mulher se pudesse ter o acompanhamento do marido ou alguém da família, só que você vê que tem umas sempre sozinhas, isso é triste”. E1

Outras entrevistadas mencionam que a escolha do pai do bebê como acompanhante, deve-se ao fato do mesmo querer estar presente, gerando confiança e tranquilidade, nesta etapa que as mesmas enfrentam. Ressaltam, ainda, que a importância de ter o marido/pai como acompanhante, é para que se possa estabelecer o vínculo precoce entre pai e filho, fortalecendo ainda mais os laços familiares. O que podemos evidenciar a seguir:

“(...) o meu marido foi muito importante no parto do meu filho”. E10

“(...) estava junto para segurar a mão, te ajudar. Ele passou tranquilidade e segurança. E18

“(...) eu acho muito importante mesmo a participação, principalmente do pai, o vínculo que cria mãe, pai e bebê (...) até no final eu disse, se ele não quisesse talvez ficasse traumatizado, sei lá, mas ele ficou e correu tudo bem”. E9

“Pra mim ele me ajudou muito e estava junto comigo, porque eu ficava preocupada com ele (...) fiquei preocupada se ele não ia conseguir acompanhar(...)”. E7

Para Storti (2004, p.53) “a escolha do acompanhante para o trabalho de parto e parto pode acontecer de forma unilateral e imposta quando o momento do parto for considerado único para a formação do vínculo e construção familiar.”

No relato de algumas mulheres sujeitos do estudo, observamos a preocupação diante do acompanhante, pelo fato que o trabalho de parto e parto é muito distante das vivências do companheiro, deixando em dúvida a coragem e força do mesmo.

Frente à esta situação, é de extrema importância os cursos de gestante (curso de orientação no pré-natal), onde visam orientação referentes ao trabalho de parto, parto e puerpério, sendo fundamentais para que o acompanhante sinta-se preparado emocionalmente e tenha conhecimento de como poderá ajudar neste processo de parturição.

A escolha por um acompanhante do mesmo sexo que já teve filhos, ou seja, que já esteve na mesma situação das parturientes, as beneficia com as experiências vividas, proporciona o apoio necessário para a condução do parto. Este momento pode ser marcado não apenas pelo vínculo familiar, mas pela transmissão de informações sobre o processo que se segue, dos valores morais e também como devem se comportar diante do exposto.

“(...) eu escolhi a minha mãe, escolhi ela, por ser mulher e porque já tinha passado por isso (...)”. E5

“Ter alguém assim, um acompanhante, é muito bom. E a minha tia é uma pessoa experiente, já teve filhos”. E11

“O meu namorado ficava junto o tempo todo, mas a mãe a gente tem mais confiança. E mãe é mãe”. E12

Nakano et al. (2007, p.135) afirmam que “a dor de parir é uma manifestação esperada pelas mulheres. A percepção da sensação de dor faz parte de um aprendizado que diz respeito a significados compartilhados.”

Domingues (2002) justifica que o fato de ter outra mulher que ajude no suporte mental e também o físico, como o simples fato de estar segurando a mão, ajudando-a na deambulação, contribui para um parto bem sucedido. Ainda, quando a parturiente precisa renovar suas forças, elas proporcionam palavras de apoio entre uma contração e outra, pelo fato de já ter passado por essa experiência.

Em vista disso, outras mulheres do estudo preferiram ter como acompanhante uma pessoa a nível afetivo, o que podemos observar na fala seguinte:

“(...) tive a oportunidade de ter a minha vizinha comigo aqui e gostei, ela me deu apoio, ela me deu força, esteve comigo do começo ao fim, foi muito bom”. E6.

Já outras entrevistadas acrescentam que além de ter o acompanhamento do marido, familiar ou alguém próximo, é fundamental ter o apoio da equipe de enfermagem e uma assistência qualificada.

No Dicionário da Língua Portuguesa (2009, p.348) enfermagem é “a arte ou função de cuidar”.

Corroborando Nakano et al. (2007, p.134) afirma que a “receptividade do profissional de saúde para com a parturiente e seus familiares se reveste de valores e satisfação, considerando os momentos de inseguranças e dúvidas que envolva o parto”.

Esses aspectos mencionados acima podem ser observados no relato a seguir:

“O trabalho em equipe, todo mundo ajudando (...) as explicações da enfermeira do que se deve fazer (...). Olha quando ele não estava, foi fazer os papéis, eu peguei a mão da enfermeira, porque você precisa de um apoio de alguém”. E9

“O pessoal aqui é bem legal, atenciosos”. E14

A assistência de enfermagem à mulher, ao casal e à família visa a atender as necessidades da cliente de maneira individualizada e humanizada, estabelecendo um relacionamento de confiança e respeito mútuo.

De acordo com o Ministério da Saúde (BRASIL, 2001, p.9) “o conceito de atenção humanizada é amplo e envolve um conjunto de conhecimentos, práticos e atitudes que visam à promoção do parto e do nascimento saudáveis.” Deve ser iniciado no pré-natal, garantindo que a equipe de saúde realize procedimentos comprovadamente benéficos para a mulher e o bebê, evitando as intervenções desnecessárias, preservando desta forma a privacidade e autonomia da mulher.

De acordo com a Lei Nº 7.498 (DOU, 1986), que regulamenta o exercício profissional da enfermagem, compete à enfermeira, como membro da equipe de saúde, prestar assistência à gestante, à parturiente e à puérpera; acompanhar a evolução do trabalho de parto e a execução do parto sem distócia. À enfermeira – obstetra compete a assistência à parturiente e ao parto normal, a identificação de distócia obstétricas e a tomada de providências até a chegada do médico e a realização de episiorrafia com aplicação de anestesia local (...) (ESPÍRITO SANTO; BERNI, 2001, p.190).

Moura et al. (2007) ressaltam que a humanização da assistência ao parto pelos enfermeiros visa respeitar os aspectos culturais e sociais, a fisiologia feminina evitando intervenções desnecessárias, ofer-

tando suporte emocional tanto para a mulher como para a pessoa que acompanha, garantindo assim os direitos de cidadania.

Para algumas mulheres o trabalho de parto se torna um evento traumático, devido as intercorrências ocasionadas por alguma complicação obstétrica ou por ter sido um trabalho de parto demorado. Com isso é indispensável que a equipe obstétrica preze por uma assistência capacitada e sensibilizada, onde o trabalho em conjunto seja humanizado respeitando os desejos e direitos das parturientes.

Corroborando Silva, Christoffel e Souza (2005, p.591) afirmam que humanizar a assistência requer adaptar a mudanças e percepções de si e do outro. “No processo de humanização, a sensibilidade, a informação, a comunicação, a decisão e a responsabilidade devem ser compartilhadas entre mãe-mulher, família e profissional de saúde.”

A parturição é um processo evolutivo saudável, porem é necessário um atendimento seguro com qualidade e qualificação. O processo de cuidar, pela enfermagem, requer um compromisso com o ser humano prezando por uma assistência humanizada, uma dinâmica entre o ser que cuida e o individuo a ser cuidado, respeitando os valores sócio-culturais.

Para Tomeleri et al. (2007) o parto além de ter um significado simbólico, é um evento importante na vida da mulher e da sua família. É considerado um processo de transformação, no qual o comportamento depende do trabalho de parto, do nível de informações, de sua história pessoal, personalidade, contexto socioeconômico e também das suas crenças. Nesta perspectiva é fundamental a participação de uma pessoa no processo de parturição, seja a nível familiar ou alguém com simplesmente vínculo afetivo, proporcionando conforto físico e psíquico.

### *Subcategoria III: As repercussões para as parturientes sobre a presença do acompanhante no processo de parturição*

Segundo Motta e Crepaldi (2005, p.106) “as parturientes que recebem apoio emocional de outras mulheres apresentam resultados perinatais mais

positivos do que as que não são acompanhadas”. Esses benefícios de ter um acompanhante no parto, estão comprovados em pesquisas há mais de 30 anos.

Nas falas de algumas entrevistadas que vivenciaram partos anteriores sem ter o privilégio de ter uma pessoa junto, fica claro a preferência pelo parto com acompanhante, pelo fato de ter alguém junto proporcionando bem estar físico e emocional, como podemos observar:

“(...) o meu primeiro parto (...) fiz cesárea eu não tive acompanhante, então era meio estranho, você está no meio de estranhos (...)”. E6

“Como eu tive o primeiro filho sem acompanhante. Eu acho que eu quis experimentar para ver como era ter um acompanhante. Eu senti mais confiança, ter alguém ali, conhecido junto, foi bem diferente, o primeiro eu não tive e senti falta de alguém junto (...). Eu preferi mais esse parto e com o meu marido ainda”. E7

Segundo Shiotsu e Takahashi (2000, p.106) a forma que o acompanhante proporciona “o ajudar envolve ainda a necessidade do acompanhante de estar de prontidão para atender as solicitações do paciente mesmo que sejam caprichos, observando os gostos e preferências e solicitar auxílio se for necessário”.

O simples fato de acompanhar, mesmo não tendo o conhecimento do que irá acontecer, visa o bem estar da paciente. Segundo o Dicionário da Língua Portuguesa (2009, p.91) acompanhante “é a pessoa que faz companhia ou dá assistência a indivíduo”.

Segundo Vogel (2004) em um estudo realizado sobre “a participação do acompanhante no trabalho de parto na ótica da equipe obstétrica”, evidencia que a presença de um acompanhante a qual a parturiente tenha algum vínculo afetivo diminui o nível de estresse, o ambiente hospitalar torna mais familiar, promove a evolução do trabalho de parto e diminui intervenções desnecessárias, ou seja, contribui para humanizar o trabalho de parto.

Outro estudo desenvolvido por Carraro (2008) intitulado “O papel da equipe de saúde no cuidado e conforto no trabalho de parto e parto: opinião de puérperas” ressalta que a equipe de saúde ao inte-

ragir com o acompanhante e a parturiente deve decidir as ações em conjunto para evitar estresse e insegurança no parto.

A Portaria Nº 569/2000 foi instituída em 01 de junho de 2000 (BRASIL, 2000) implantando o Programa de Humanização no Pré-natal e Nascimento (PHPN), o qual discorre sobre as necessidades de atenção à gestante, ao recém-nascido e à mulher no período pós-parto. “A condição primeira para o adequado acompanhamento do parto e puerpério é o direito a humanização da assistência obstétrica e neonatal”.

Ressalta, ainda, que os profissionais adotem uma postura ética e solidária para receber a mulher, o recém-nascido e seus acompanhantes nas unidades de saúde, tornando um ambiente acolhedor, e adotar condutas hospitalares que interrompam o isolamento imposto à mulher. Também acrescenta que a adoção de medidas que beneficiam a assistência para o acompanhamento no pré-natal, parto e puerpério, evitam práticas intervencionistas que muitas vezes colocam em risco a vida da mulher e do recém-nascido (BRASIL, 2000).

É de fundamental importância a presença do acompanhante no processo de parturição, proporciona suporte emocional, transmite sentimentos de confiança e segurança às parturientes, o que estimula o trabalho de parto e o vínculo com o recém-nascido.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A busca de conhecer a percepção da mulher acerca do acompanhante no trabalho de parto permite tecer reflexões e considerações. De modo geral, os resultados descritos no presente trabalho evidenciam que ter alguém a nível tanto familiar como afetivo, beneficia a mulher no processo de parturição.

Na vivência da situação como o nascimento e parto, espera-se que se escolha alguém da sua família para participar. Ressalta-se que a participação masculina vem se tornando mais expressiva nos diferentes contextos sociais e culturais, o que nos mostra um indício na construção do vínculo familiar.

O estudo evidencia que o suporte familiar no processo de parturição é mais voltado ao apoio emocional, juntamente com o físico pelo fato do auxílio a algumas atividades, como a deambulação, durante este processo. A transmissão de sentimentos que proporcione segurança, bem estar, tranquilidade e confiança, em um momento que a solidão e medo estão presentes. Ser deixada sozinha em um momento que a mulher está sentimentalmente abalada requer um risco para o uso de intervenções necessárias, como o uso de fórceps ou parto cesárea.

Neste sentido, é de extrema relevância o apoio da equipe de enfermagem, a qual deve prestar uma assistência humanizada, garantindo as mulheres e aos seus acompanhantes a receptividade calorosa. Muitas vezes elas não tem conhecimento de como vai ocorrer o trabalho de parto. É nesse momento que a enfermagem deve promover um trabalho de parto tranquilo e seguro às parturientes.

A inserção da enfermeira obstétrica é de fundamental importância, pois a comunicação entre a cliente receptora do serviço e a obstetrix constrói uma relação terapêutica, estabelecendo uma condução de trabalho de parto benéfica e não intervencionista.

Nesse contexto, acerca da presença do acompanhante no trabalho de parto, a pessoa a qual está sendo o acompanhante e também a gestante, deveria participar dos grupos de gestantes durante a gestação. Contudo, todas as instituições deveriam dispor desses grupos aos quais auxiliam, sanam as dúvidas e promovem segurança no processo de parturição.

Espera-se que os resultados desse estudo possam contribuir para propiciar reflexões e discussões acerca do processo de parturição para profissionais da área da saúde, bem como estimular as instituições hospitalares que ainda não implementaram a Lei Nº. 11.108/2005, a fazer a adesão a esta lei e colocá-la na prática.

Desse modo, as instituições hospitalares e os profissionais que atuam em Unidades Obstétricas no atendimento à gestante precisam perceber e valorizar a importância do acompanhante para a mulher no trabalho de parto e puerpério, como forma de estimular o vínculo familiar, independente do nível socioeconômico e cultural.

## REFERÊNCIAS

BRANDEN, Pennie Sessler. **Enfermagem materno-infantil**. 2.ed. Rio de Janeiro: [s.n], 2000. 524p.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Lei Nº 11.108 de 07 de abril de 2005**. Disponível em: <[http://portal.saude.gov.br/portal/saude/area.cfm?id\\_area=1474](http://portal.saude.gov.br/portal/saude/area.cfm?id_area=1474)> Acesso em 29 de setembro de 2010.

\_\_\_\_\_. **Parto, aborto e puerpério: assistência humanizada à mulher**. Febrasgo, Abenfo. Brasília: 2001. 202p. Disponível em: <[http://www.saude.sp.gov.br/resources/profissional/acesso\\_rapido/gtae/saude\\_da\\_mulher/parto\\_aborto\\_puerperio.pdf](http://www.saude.sp.gov.br/resources/profissional/acesso_rapido/gtae/saude_da_mulher/parto_aborto_puerperio.pdf)>. Acesso em 25 de maio de 2010.

\_\_\_\_\_. **Portaria Nº 569 de 01 de junho de 2000 sobre a implantação do Programa de Humanização no Pré-Natal e Nascimento (PHPN)**. Disponível em: <<http://gaia.saude.mg.gov.br/portal/legislacoes%20em%20saude/atendimento%20humanizado/Portaria%20GM%20MS%20n%C2%BA%20569,%20de%2001%20de%20junho%20de%202000.pdf>>. Acesso em: 27 de outubro de 2010.

\_\_\_\_\_. Programa de Humanização no Pré – natal e Nascimento. **Rev. Bras. Saúde materno infantil**, Recife, 2002, v.2, n.1, jan-abril, 69-71. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1519-38292002000100011&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1519-38292002000100011&script=sci_arttext)>. Acesso em: 28 de outubro de 2010.

\_\_\_\_\_. **Resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde/MS sobre Diretrizes e Normas regulamentadoras de Pesquisa envolvendo seres humanos**. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/bioetica/res19696.htm#cep>>. Acesso em: 28 de setembro de 2010.

BRÜGGEMANN, Odaléa Maria; OSIS, Maria José Duarte; PARPINELLI, Mary Angela. Apoio no nascimento: percepções de profissionais e acompanhantes escolhidos pela mulher. **Revista de Saúde Pública**, São Paulo, v.41, 2007. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0034-89102007000100007&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-89102007000100007&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 29 de setembro de 2010.

BRÜGGEMANN, Odaléa Maria; PARPINELLI, Mary Angela; OSIS, Maria José Duarte. Evidência sobre o suporte durante o trabalho de parto/parto: uma revisão da literatura. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 21, n.5, p.1316-27, set-out de 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/csp/v21n5/03.pdf>>. Acesso em: 29 de setembro de 2010.

CARRARO, Telma Elisa et. al. O papel da equipe de saúde no cuidado e conforto no trabalho de parto e parto: opinião de puérperas. **Texto e Contexto – Enfermagem**, Florianópolis, 2008, v.17, n.3, jul – set, 502-9. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-07072008000300011&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-07072008000300011&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 27 de outubro de 2010.

DOMINGUES, Rosa Maria Soares Madeira. **Acompanhantes familiares na assistência ao parto normal: a experiência da maternidade Leila Diniz**. Mestrado em Saúde Pública. Fundação Oswaldo Cruz, Escola Nacional de Saúde Pública, Departamento de Endemias, Ambiente e Sociedade. Rio de Janeiro, out, 2002, p. 212. Disponível em: <<http://pesquisa.bvsalud.org/regional/resources/lil-343361>>. Acesso em: 29 de setembro de 2010.

ESPÍRITO SANTO, Lilian Córdova do; BERNI, Neiva Iolanda de Oliveira. **Enfermagem em Obstetrícia**. In: FREITAS, Fernando et al. **Rotinas em obstetrícia**. 4.ed. Porto Alegre: Artmed. 2001. 624p.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Miniaurélio**: dicionário da língua portuguesa. 7. ed. Curitiba: Positivo. 2009. 895p.

GOMES, Romeu. A análise de dados em pesquisa qualitativa. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.) **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 18.ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

MOTTA, Cibele Cunha Lima da; CREPALDI, Maria Aparecida. O pai no parto e apoio emocional. A perspectiva da parturiente. **Revista Paidéia**, Ribeirão Preto, 2005, v. 15, n.30, jan-abr, p.105-18. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-863X2005000100012&lng=pt&tln=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-863X2005000100012&lng=pt&tln=pt)>. Acesso em: 29 de setembro de 2010.

MOURA, Fernanda Maria de Jesus S. Pires et. al. A humanização e a assistência de enfermagem ao parto normal. **Revista Brasileira de Enfermagem**, Brasília, 2007, jul-ago, v.60, n.4, p.452-5. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0034-71672007000400018&lng=pt&tln=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-71672007000400018&lng=pt&tln=pt)> Acesso em: 29 de setembro de 2010.

NAKANO, Ana Marcia Spanó; et. al. O suporte durante o processo de parturição: a visão do acompanhante. **Acta Paul Enfermagem**, São Paulo, abril e junho, 2007, v.20, n.2, 131-7. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-21002007000200004&lng=pt&tln=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-21002007000200004&lng=pt&tln=pt)>. Acesso em: 29 de setembro de 2010.

SHIOTSU, Celia Hiromi; TAKAHASHI, Regina Toshie. O acompanhante na instituição hospitalar: significado e percepções. **Revista Escola de Enfermagem USP**, São Paulo, março de 2000, v.34, n.1, p.99-107. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0080-62342000000100013&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0080-62342000000100013&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 29 de setembro de 2010.

STORTI, Juliana de Paula Louro. **O papel do acompanhante no trabalho de parto e parto**: expectativas e vivências do casal. Dissertação de mestrado apresentada à Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto/USP. Departamento de Enfermagem Materno Infantil e Saúde Pública. Ribeirão Preto, 2004, 118p. Disponível em: <<http://pesquisa.bvsalud.org/regional/resources/lil-432370>>. Acesso em: 29 de setembro de 2010.

SAITO, Emília; RIESCO, Maria Luiza Gonzalez; OLIVEIRA, Sonia Maria Junqueira Vasconcellos de. **Conduas no Parto Normal**. In: BARROS, Sonia Maria Oliveira de (org.). **Enfermagem no ciclo gravídico-puerperal**. São Paulo: Manole, 2006. 259p.

SILVA, Leila Rangel da; CHRISTOFFEL, Marialda Moreira. Atenção Humanizada: pré-natal, parto e puerpério. **Congresso Brasileiro dos Conselhos de Enfermagem**, 10, Curitiba, 2007,19p.

SILVA, Leila Rangel da; CHRISTOFFEL, Marialda Moreira; SOUZA, Kleyde Venture de. História, conquistas e perspectivas no cuidado à mulher e à criança. **Texto Contexto – Enfermagem**, Florianópolis, out/dez de 2005, v.14, n.4, 585-93. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/tce/v14n4/a16v14n4.pdf>>. Acesso em: 29 de setembro de 2010.

TOMELERI, Keli Regiane; et. al. “eu vi meu filho nascer”: vivência dos pais na sala de parto. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, Porto Alegre (RS), 2007, dez., v.28, n.4, 497-504. Disponível em: <<http://www.seer.ufrgs.br/index.php/RevistaGauchadeEnfermagem/article/view/3110/1716>>. Acesso em: 29 de setembro de 2010.

VOGEL, Aline. **A participação do acompanhante no trabalho de parto na ótica da equipe obstétrica.** Ijuí, 2004. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Enfermagem). Departamento de Ciências da Saúde, UNIJUÍ.